

*Mal-estar na atualidade - a psicanálise e as novas formas de subjetivação* abarca um conjunto de ensaios resultantes de uma linha de pesquisa acadêmica, que contempla, de um lado, as novas modalidades de subjetivação do mundo atual e, de outro, o que se processa no campo da psicanálise.

Ao tornar público estes ensaios, Birman diz ter a intenção de fazer uma leitura "preliminar" - porque não exaustiva - do mal-estar na atualidade. Para tanto, toma como ponto fundamental de referência a problemática da subjetividade e, em particular, a do sujeito sofrente.

Considera que, frente a um "mundo perturbado e conturbado", a psicanálise sofre de "certa insuficiência" nos seus instrumentos interpretativos, no que concerne às novas modalidades de inscrição das subjetividades (p. 15).

Daí o autor propor que, frente a estes novos desafios, "repensemos, com urgência, os fundamentos de nossa leitura da subjetividade". Trata-se de pensar nos "destinos do desejo na atualidade", para que nos aproximemos do que há de sofrente nas "novas formas de subjetivação da atualidade, circunscrevendo então o campo do mal-estar contemporâneo" (p. 16).

Devido ao fato de ser um produto histórico-cultural vivo, o saber psicanalítico, assim como sua prática, interage com o contexto sócio-cultural - de um lado, transformando-o, e de outro, sofrendo seus impactos.

A meu ver, este é o âmago das reflexões de Birman, ao fazer *Freud trabalhar* (parafraçando Laplanche) para dar conta do que tem a psicanálise a dizer e a fazer frente aos destinos do desejo do homem contemporâneo, no mundo atual. E, a profundidade com que o autor vai

## Psicanálise: uma ilusão sem futuro?

Resenha de Joel Birman, *Mal-estar na atualidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, 300 p.

tecendo suas considerações leva-me a preferir deixá-lo falar.

Ao traçar um paralelo entre o mal-estar na atualidade e o mal-estar na psicanálise, Birman coloca lado a lado, de um modo surpreendente e interessante, dois "emblemas da modernidade": Marx e Freud.

Pondera que a modernidade foi construída em torno do ideário da revolução, a ser promovida pelo sujeito coletivo, tendo em Marx o representante da materialização teórica dessa utopia, que marcou de forma indelével os séculos XIX e XX (p. 82).

Na medida em que se acreditou na revolução como meio através do qual o sujeito coletivo sempre poderia reinventar o mundo, o marxismo tornou-se "(...) a representação teórica e política da potência desejante do sujeito coletivo (...)" (p. 83).

Com Freud, ao enunciar-se como o catalisador possível das transformações da individualidade, o desejo torna-se o único meio através do qual "(...) o sujeito pode reinventar seu eu e traçar uma outra história" (p. 84).

Quanto aos herdeiros destes ilustres emblemas da modernidade, temos que: "(...) os herdeiros de Marx transformaram

seu pensamento em algo de ordem mecanicista e economicista (...)", enquanto que os de Freud transformaram, de um modo paradoxal, o discurso freudiano "(...) em uma modalidade de pensamento fundado na exaltação da individualidade e não no registro do desejo" (p. 85).

Em franca oposição ao projeto freudiano, tal individualismo é a marca registrada da sociedade pós-moderna.

Ao revisitar os discursos freudianos sobre o social, Birman - com todo o rigor, crítica e sensibilidade intelectuais, que o caracterizam no cenário dos psicanalistas brasileiros - chama-nos a atenção para dois momentos preciosos da obra de Freud: em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna" (1908)<sup>1</sup> e em "O mal-estar na civilização" (1929)<sup>2</sup>.

Conforme entende, a condição do sujeito na modernidade é o que especifica a leitura freudiana sobre a civilização, ou seja, a leitura crítica realizada por Freud acerca da modernidade, ou melhor, "(...) dos impasses que a modernidade constitui para o sujeito" (p. 139).

O autor parte desse princípio, diferenciando magistralmente, as interpretações de Freud a respeito dos impasses do sujeito na modernidade, num e noutro momento de sua obra. Em ambos os textos, o que estaria em pauta é o conflito no sujeito entre seu mundo pulsional e o mundo social. Mas, em 1908, Freud

acreditava na "harmonia possível entre os registros do sujeito e do social", pela mediação da psicanálise. Já, em 1929, descrente disso, Freud faz entrar em cena a "problemática do desamparo do sujeito no campo social" - bem como frente a outras fontes de sofrimento, como o que provém de nossos próprios corpos e o que provém dos poderes da natureza (p. 129).

Definitivamente, a relação conflituosa entre pulsão e civilização jamais será ultrapassada, uma vez que ela é de ordem estrutural e produtora da desarmonia nos laços sociais. Birman sustenta, como hipótese de trabalho, que este discurso freudiano sobre a modernidade constitui um questionamento do discurso psicanalítico pela categoria do social. Com isto quer dizer que "o pensamento psicanalítico colocou a psicanálise à prova do social, o que a obrigou a se reconstituir sobre novas bases e outros fundamentos".

Em não sendo o conflito passível de cura, o que se requer do sujeito é o que Birman denomina "gestão do desamparo" - "uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito", o qual só é passível de domínio e não de cura. Assim sendo, o discurso freudiano assume uma perspectiva ética e política sobre o conflito, "nesse deslocamento crucial, dos registros da terapêutica possível para o da gestão" (p. 130).

Do ponto de vista metapsicológico e da clínica, tal desamparo materializa-se na subjetividade pela presença da pulsão de morte (1920)<sup>3</sup>, da angústia do real (1926)<sup>4</sup> e da feminilidade (1937)<sup>5</sup>. Ainda, Birman chama-nos a atenção para o fato de que entre 1915 e 32, a noção de sublimação sofre uma mudança na

obra freudiana: concebida, em 1915<sup>6</sup>, como um dos destinos pulsionais que conduz à dessexualização do objeto, em 1937<sup>7</sup>, a sublimação passa a ser entendida como o processo pelo qual a pulsão de morte transforma-se em pulsão sexual, de modo a possibilitar o trabalho de criação e a manutenção do erotismo (p. 131).

Deste modo, é a “gestão do desamparo” que vem permitir ao sujeito constituir para a pulsão destinos tanto eróticos quanto sublimatórios. Conseqüentemente, tal gestão “implica os registros ético e político”, ao possibilitar a “tessitura de laços sociais e (...) [a] produção de obra no campo destes laços”. E, por ser regido por esses laços, “o sujeito é obrigado a realizar a gestão do conflito nos campos político e social” (p. 132).

Birman considera que, “ao silenciar a radicalidade da crítica freudiana da modernidade”, a tradição psicanalítica pós-freudiana vem revelar seu “conformismo crítico”, o que conduz a psicanálise a assumir “um tom ao mesmo tempo triunfalista e cientificista, incompatível com os argumentos radicais sobre o mal-estar na modernidade” (p. 124).

De acordo com o autor, este silêncio custou caro à psicanálise, que, como discurso teórico, perdeu “suas dimensões ética e política, ficando restrita a uma mera perspectiva terapêutica (...)”. Com isso, “a psicanálise incorporou, no seu corpo teórico, uma perspectiva normativa, pela qual a medicalização do social pode se realizar sem resistências, na medida em que foi silenciado o potencial crítico da tese sobre o mal-estar na modernidade” (p. 125).

Como uma das conseqüências disso, a psicanálise está em crise na atualidade, fato que se agrava com o ter que ocupar um novo lugar frente a

“novas condições do mal-estar na modernidade”. Ainda que de modo diverso e iniciado em tempos diferentes, a psicanálise está em crise principalmente, nos Estados Unidos, em alguns países europeus e também, na América Latina.

Em todos esses casos, tal crise revela-se no campo da clínica, na qual se presencia uma diminuição vertiginosa da demanda de análise. Para compreender esse processo de esvaziamento, Birman recorre a dois critérios, articulando-os entre si: um, que diz respeito ao imaginário social contemporâneo e outro, que aponta para o lugar ocupado pela psicanálise no campo dos saberes sobre o psiquismo, na atualidade.

Quanto ao primeiro, desde 96, Birman vem participando suas “intuições iniciais” acerca das representações sociais da psicanálise e do psicanalista. Em “Figuras do analista no cinema”<sup>8</sup>, ele denuncia as representações, em nada lisonjeiras, da figura do psicanalista: um sujeito inteligente, porém ardisso, cínico, charlatão, insensível, manipulador, perverso, criminoso e, por fim, um verdadeiro canibal!

No registro teórico, impregnam os saberes sobre o psíquico tanto os modelos das neurociências quanto os advindos do cognitivismo. Além de vir perdendo seu lugar estratégico no campo específico dos saberes sobre o psíquico, sendo paulatinamente substituída pelo discurso das neuro-ciências, pelas teorias cognitivas e pela psiquiatria biológica, a psicanálise vem

perdendo o lugar estratégico que ocupava no campo das ciências humanas.

Birman atribui a atual crise da psicanálise também, às “novas formas de subjetivação forjadas na atualidade”, bem como, a “certa perda de poder crítico da comunidade psicanalítica”, engendrada por um “certo fundamentalismo”, que se presentifica em “diferentes tendências do pensamento analítico da atualidade”, as quais impedem que “as diferentes escolas possam aprender com as linhas de trabalho das outras”. Assim é que o mal-estar na psicanálise adviria da prevalência doutrinária de certas concepções vigentes no campo psicanalítico, as quais “funcionam como obstáculo crucial para a escuta das novas formas de subjetividade que a cena contemporânea oferece”, de modo a tornar “a psicanálise inoperante no contexto histórico da atualidade” (ps. 19/21).

A sociedade pós-moderna - caracterizada pela *cultura do narcisismo* (conforme Lasch)<sup>9</sup> e pela *sociedade do espetáculo* (conforme Debord)<sup>10</sup> - construiu “um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo”.

Na cultura do narcisismo e na sociedade do espetáculo, a fragmentação da subjetividade - pelo paradoxo entre autocentramento e exterioridade - ocupa posição fundamental. Trata-se de uma nova forma de subjetivação, por meio da qual são forjadas outras modalidades de subjetivação na atualidade, o que constitui o fundamento da atual psicopatologia (p. 23).

Segundo Birman, decorrem daí: a ênfase atual da psiquiatria nas pesquisas sobre depressões, síndrome de pânico e toxicomania tanto quanto a feição biológica e psicofarmacológica assumida pelo discurso psicopatológico. Assim é que a atual configuração da psicopatologia deve-se não só ao desenvolvimento experimental das neurociências, mas também ao “requinte e à engenhosidade pelos quais se cultuam certas modalidades de construção subjetiva”.

Como conseqüência da ênfase dada à exterioridade (na sociedade do espetáculo) e ao autocentramento (na cultura do narcisismo), vemos perfilar-se a articulação entre duas operações sociopolíticas: os processos de medicalização e psiquiatrização do social - mediados pelas neurociências e pela psicofarmacologia - e a “construção empresarial gigantesca do narcotráfico”.

E aqui se encontram os destinos do desejo: numa direção marcadamente exibicionista e autocentrada, que tem como contrapartida o esvaziamento do intersubjetivo e o desinvestimento nas trocas inter-humana. De acordo com Birman, “esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade” e que se fazem acompanhar da “crescente volatilização da solidariedade”. Este é o *ethos* da atualidade, podemos concluir com o autor (p. 24).

No bojo da *sociedade narcísica do espetáculo*, o individualismo e o autocentramento atingiram seu ponto máximo,

com o conseqüente apagamento da alteridade e da intersubjetividade ao lado de um enaltecimento exacerbado de si mesmo. Assim sendo, esse auto-centramento é desprovido de interioridade e caracteriza-se pelo excesso de exterioridade, de exibicionismo. Institui-se assim, como diz Birman, "(...) a hegemonia da aparência (...) [para a qual] o sujeito vale pelo o que parece ser (...)” (p. 167).

A psicopatologia da pós-modernidade define-se justamente, pelo fracasso de muitos sujeitos - deprimidos, toxicômanos e *panicados* - em realizar a *glorificação do eu e a estetização da existência*. Essas patologias (e não outras) têm recebido maciço investimento financeiro de grandes laboratórios farmacêuticos internacionais para a realização de pesquisas predominantemente, de ordem biológica e psicofarmacológica (p. 169).

Trata-se de valorizar uma *forma perversa de existência*, uma nova modalidade do sujeito *fora-de-si* (conforme era visto o psicótico).

Oposta à ética que rege essa *cultura do narcisismo*, a psicanálise é jogada ao limbo. E, encontra-se tanto mais no limbo quanto mais relevarmos que a pretensão da psicopatologia atual é ter um fundamento biológico. Acreditando haver encontrado sua *"vocação médica"*, a psiquiatria biológica busca suas referências teóricas nas neurociências, as quais pretendem construir uma leitura do psiquismo de base inteiramente biológica. Com isso, como diz Birman, "(...) o funcionamento psíquico seria redutível ao funcionamento cerebral, sendo este representado em uma linguagem bioquímica" (p. 181/2).

De saber de referência fundamental da psiquiatria, até os anos 70, a psicanálise passa a uma posição secundária e

subalterna - e, eu acrescentaria, dispensável -, já que o paradigma biológico da psiquiatria se impôs.

Birman afirma que "(...) existe um processo de produção social das toxicomanias, pelas vias da medicalização psiquiátrica e do mercado de drogas pesadas, que encontram suas condições de possibilidade na ética da sociedade do espetáculo e do narcisismo" (p. 192).

A expansão e o consumo de drogas no Ocidente representam, segundo o autor, "(...) o sucesso mundano do narcotráfico (...)", que não pode ser desarticulado da "(...) difusão massiva dos psicotrópicos pela psiquiatria e pela medicina, pois ambos se inserem no mesmo vazio existencial que produz as novas formas de mal-estar na civilização" (pp. 229/30).

Para Birman, a sociedade narcísica do espetáculo caracteriza-se, hoje, pela mediocridade simbólica, pela homogeneidade e pela pobreza erótica.

No seu entender, se é verdade que sempre existiu uma "dissonância significativa" entre ordem social e psicanálise - esta, com seu discurso provocador de mal-estar para o sujeito e a ordem social -, a dissonância atual é de outra ordem de grandeza, sendo que algumas são intrínsecas ao campo psicanalítico, e outras, não.

No que concerne ao campo psicanalítico, para Birman, a psicanálise pós-freudiana, ao perder de vista que, no discurso freudiano, "(...) o descentramento do sujeito dos campos do eu e da consciência tinha como contrapartida a ênfase conferida ao outro e à alteridade", per-

de juntamente sua dimensão crítica (p. 86).

Ademais, a psicanálise pós-freudiana, ao enfatizar os registros do pensamento e da linguagem, a expensas do da corporeidade - sobretudo com Bion e Lacan -, esquece-se de que "(...) a novidade maior de Freud foi ter concebido a figura de um sujeito encarnado" (p. 87).

E, é exatamente essa corporeidade do sujeito - no sentido de corpo erógeno e pulsional - que vem revelar o que há de mais incerto na vida humana.

Como conseqüência do *esquecimento* da corporeidade do sujeito, aos olhos do analisando, a psicanálise vem revelar-se insuficiente. Por isso, dentre outros possíveis motivos, é que muitos vão recorrer a terapias corporais ou a tratamentos psicofarmacológicos - "(...) que lhe fazem lembrar e reconhecer que (ele) tem um corpo, não sendo este uma fantas-magoria do pensamento e da linguagem" (p. 91).

Birman faz-nos lembrar que a leitura freudiana da subjetividade não sustenta a separação entre corpo e psique, sendo pela mediação de uma teoria dos afetos, que Freud buscou superar a dicotomia entre os registros do corpo e o do pensamento, "marcado (...) pelos destinos das pulsões", inscrevendo-se "(...) imediatamente no registro da ação, sem que essa se contrapusesse ao da reflexão" (pp. 93/4).

O autor constata que "uma parcela substantiva da comunidade analítica se esqueceu de que a subjetividade sofrante tem um corpo e que é justamente neste que a dor literalmente se enraíza". Tal "esquecimento" custou caro à psicanálise, que "deu de bandeja, com isso, para a medicina e para a psiquiatria a ingloria tarefa de cuidar do cor-

po", ficando "com a dita parte nobre da subjetividade, isto é, o psiquismo, a versão cientificista da alma" (p. 21).

Junto com o corpo, conforme Birman, é "o afeto que estaria sendo eliminado da psicanálise". Mas as características mais marcantes dos sofrimentos atuais encontram-se não só no corpo, mas na intensidade e no excesso pulsional. "Conferir ao corpo e ao afeto um lugar crucial na leitura da subjetividade é também considerar que a prática analítica não é apenas uma escuta do psiquismo, mas uma modalidade de ação. (...) A dita cura psicanalítica implica pois uma teoria da ação (...)". Enquanto um dos destinos do desejo, a noção de sublimação - "pelas vias da ação sublime e da sublimação (...) - deve-se articular às de corpo-sujeito e afeto. Assim é que "a categoria de social se inscreve no discurso psicanalítico e se encontra no horizonte de sua experiência, marcando mesmo o desenvolvimento teórico daquele" (pp. 21/2).

## NOTAS

1. S. Freud, "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", ESB, IX, 1908.
2. S. Freud, *O mal-estar na civilização*, ESB, XXI, 1929.
3. S. Freud, *Além do princípio de prazer*, ESB, XVIII, 1920.
4. S. Freud, *Inibições, sintomas e ansiedade*, ESB, XX, 1926.
5. S. Freud, *Análise terminável e interminável*, ESB, XXIII, 1937.
6. S. Freud, *Os instintos e suas vicissitudes*, ESB, XIV, 1915.
7. S. Freud, *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise*, ESB, XXII, 1932.
8. J. Birman, "Figuras do analista no cinema", in *Por uma estilística da existência* Rio de Janeiro, Editora 34, 1996, p. 133-170.
9. C. Lasch, *A cultura do narcisismo*, Rio de Janeiro, Imago, 1984.
10. G. Debord, *La société du spectacle*, Paris, Gallimard, 1967.

**Maria Lucia Vieira Violante** é psicanalista, professora titular e coordenadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP